



RELATO DE EXPERIÊNCIA

DOI: 10.18310/2446-4813.2023v9n3.4184

Roda de conversa sobre saúde sexual e reprodutiva com adolescentes: um relato sobre dispositivos de cuidado em perspectiva dialógica

Yarning circle about sexual and reproductive health with adolescents: a report on care devices in a dialogic perspective

Rafael Soares Nogueira

Acadêmico de Enfermagem e Obstetrícia. Universidade Federal do Espírito Santo (Discente), Vitória, ES, Brasil;
E-mail: rafaelnogueira271112@gmail.com; ORCID: 0000-0002-1919-5202

Anna Bárbara de Almeida dos Santos

Acadêmica de Enfermagem e Obstetrícia. Universidade Federal do Espírito Santo (Discente), Vitória, ES, Brasil;
E-mail: annabarbs2001@gmail.com; ORCID: 0000-0001-5985-2644

Isabela da Silva

Acadêmica de Enfermagem e Obstetrícia. Universidade Federal do Espírito Santo (Discente), Vitória, ES, Brasil;
E-mail: isabeladasilva06@outlook.com; ORCID: 0009-0004-3451-1412

Jaynni Lage Rodrigues

Acadêmica de Enfermagem e Obstetrícia. Universidade Federal do Espírito Santo (Discente), Vitória, ES, Brasil;
E-mail: jaynni.rodrigues@edu.ufes.br; ORCID: 0009-0005-7310-207X

Denise Bussu Lima

Assistente Social. Prefeitura Municipal de Vitória (Funcionária Pública), Vitória, ES, Brasil;
E-mail: denisebussu@gmail.com; ORCID: 0009-0003-5263-4945

Welington Serra Lazarini

Enfermeiro, Mestre e Doutor em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo (Docente do Departamento de Enfermagem), Vitória, ES, Brasil;
E-mail: welingtonsl@hotmail.com; ORCID: 0000-0003-2798-7223

Resumo: A adolescência desponta como uma das etapas mais importantes e desafiadoras do ciclo vital para se pensar a sexualidade. Dessa maneira, a criação de espaços de diálogo sobre sexualidade com os adolescentes deve contemplar temáticas que envolvam desde o descobrimento do próprio corpo, até o ato sexual em si. O objetivo é apresentar um relato de experiência sobre estratégias de promoção da educação sexual com adolescentes, a partir da vivência de um projeto de extensão. Trata-se de um relato de experiência sobre as ações de educação sexual para adolescentes da rede municipal de ensino fundamental, localizada na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Diante dessa experiência extensionista na escola, consoante com o proposto pelo Programa Saúde na Escola, foi possível observar que durante os encontros os adolescentes se mostravam interessados em ouvir e participar das discussões, de forma que se propiciou um cenário favorável para a fluidez das conversas, tornando o ambiente confortável para que eles pudessem se expressar, sem medo ou vergonha, fazendo com que se sentissem parte ativa do compartilhamento de saberes, agregando suas vivências e opiniões.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Atenção Primária à Saúde; Educação Sexual.

Abstract: Adolescence emerges as one of the most important and challenging stages of the life cycle for thinking about sexuality. In this way, the creation of spaces for dialogue about sexuality with adolescents must contemplate themes that involve everything from discovering one's own body to the sexual act itself. The objective is to present an experience report on strategies to promote sexual education with adolescents, based on the experience of an extension project. This is an experience report on sex education actions for adolescents in the municipal elementary school network, located in the city of Vitória, capital of Espírito Santo. Faced with this extensionist experience at school, as proposed by the Health at School Program, it was possible to observe that during the meetings, the adolescents were interested in listening and participating in the discussions, in a way that provided a favorable scenario for the flow of conversations, making the comfortable environment so that they could express themselves, without fear or shame, making them feel like an active part of sharing knowledge, adding their experiences and opinions.

Keywords: Health Education; Primary Health Care; Sex Education.

Introdução

A sexualidade é um fenômeno do desenvolvimento humano que remete à reprodução biológica, sentimentos, vínculos amorosos e desejos pessoais influenciados pela forma como a sociedade é estabelecida. Dessa maneira, compreende-se que os direitos sexuais e reprodutivos na nossa constituição cidadã, contemplam princípios fundamentais, como: diversidade, igualdade, autonomia, integridade e saúde¹.

Nesse sentido, a adolescência desponta como uma das etapas mais importantes e desafiadoras do ciclo vital para se pensar a sexualidade. Nela, emergem diferentes e surpreendentes sensações corporais, que necessitam de especial atenção e cuidado. Essa transformação se configura em um foco de grande curiosidade para esse público, visto que são desejos desconhecidos, que refletem a necessidade de relacionamento interpessoal e crescimento do indivíduo em direção a sua identidade adulta. Isso por sua vez, tem seu marco inicial, a partir da manipulação da atividade autoerótica, principalmente, quando assumem a sexualidade¹.

Dessa maneira, uma parcela considerável dos adolescentes têm iniciado sua atividade sexual de modo cada vez mais precoce². Em muitos dos casos, esses atos são baseados em inseguranças, dúvidas e desconhecimentos sobre a própria sexualidade, o que reflete um estado de grande vulnerabilidade, principalmente quando não há apoio familiar e social¹. Logo, a criação de espaços de diálogo sobre sexualidade com os adolescentes deve contemplar temáticas que envolvam desde o descobrimento do próprio corpo, até o ato sexual em si³. Essas estratégias contribuem para que esse público possa vivenciar e expressar a sexualidade, minimizando os riscos de coerção, violência, discriminação, infecções sexualmente transmissíveis e gestação não planejada¹.

Desse modo, a Atenção Primária à Saúde (APS) se configura como a principal porta de entrada e o primeiro meio comunicador do Sistema Único de Saúde (SUS), atuando como ordenadora do

cuidado, das ações e dos serviços disponibilizados na rede para atender integralmente e todas as pessoas⁴. Sendo assim, cabe a esse nível de atenção atender as necessidades sociais evidenciadas pelas demandas individuais e coletivas apresentadas pelo território, considerando as vulnerabilidades, as potencialidades e o contexto socioeconômico, visando o planejamento das ações a serem implementadas⁵. Nesse sentido, a promoção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes emerge como uma importante atribuição das equipes de saúde da família¹.

Nesse contexto, é imprescindível que os serviços de saúde estabeleçam relações intersetoriais e criem redes de proteção com outros equipamentos sociais. Visto isso, o Programa Saúde na Escola (PSE) atua integrando e articulando permanentemente a educação com a saúde, objetivando proporcionar melhor qualidade de vida à população. Por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde de crianças e adolescentes da educação básica, o projeto busca enfrentar as diversas vulnerabilidades existentes⁶.

No entanto, sabe-se que a atenção integral às crianças e aos adolescentes se apresenta como um grande desafio, sobretudo no que se refere às estratégias para promoção da equidade. Dessa maneira, a equidade na saúde é fundamental para que indivíduos que se encontram em vulnerabilidade sejam atendidos⁸. Para isso, faz-se necessário a articulação entre diferentes atores, como a universidade. Sob essa perspectiva, os programas de Extensão Universitária utilizam-se de uma linguagem horizontal para promover a articulação dos diferentes saberes oriundos da área da saúde e da educação no processo de translação do conhecimento⁹.

Neste âmbito, destaca-se que a Extensão Universitária é um processo cultural, científico e educativo que articula a pesquisa e o ensino de modo indissociável, viabilizando a relação transformadora entre a sociedade e a universidade. Assim, a universidade configura-se como uma instituição compromissada com a realidade social e com a redução das iniquidades, especialmente na corroboração com as demandas advindas do território, no que tange às necessidades básicas⁷. Em coexistência com este serviço, operou-se também a participação efetiva da Unidade Básica de Saúde, que exerceu um papel fundamental para a realização das rodas de conversa com participação ativa dos adolescentes.

Pela perspectiva de uma educação integral, favorável à promoção da saúde, mediante a vivência em um território de saúde e para o alcance dos objetivos do PSE, foi possível implementar ações de educação em saúde que abordassem aspectos relativos à sexualidade e prevenção à gravidez indesejada na adolescência para adolescentes da rede municipal de ensino⁶.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre estratégias de promoção da educação sexual com adolescentes, a partir da vivência de um projeto de extensão.

Metodologia

Descreve-se aqui a vivência acerca das ações de educação sexual para adolescentes da rede municipal de ensino fundamental, localizada na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. A equipe responsável pela ação faz parte do projeto de extensão “Vivências no Contexto da Atenção Primária à Saúde” composta por estudantes e professores do curso de enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo em conjunto com a assistente social da Unidade de Saúde da Família de referência da escola que coordena a Programa de Saúde da Escola no bairro de referência. Portanto, devido ser uma atividade proposta no calendário da Unidade e por ser um Relato de Experiência que não envolve testes em seres humanos, não foi realizada uma submissão para avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa.

Inicialmente, os extensionistas realizaram um estágio de vivência em conjunto com a assistente social para balizar os conhecimentos acerca do tema sexualidade, bem como a linguagem utilizada com o referido público. Assim, foi possível observar a dinâmica da roda de conversa com os adolescentes de outras instituições. Desse modo, os acadêmicos poderiam alinhar os conhecimentos e se preparar para a roda de conversa na escola, tendo em vista que teriam mais autonomia para conduzir a dinâmica e realizar as intervenções, esse momento foi importante para a autoavaliação do estudante.

Ademais, como forma de capacitação dos acadêmicos para a realização da ação de educação em saúde, a Assistente Social convidou uma psicóloga com experiência na temática de educação sexual com adolescentes. Assim, foi apresentado aos acadêmicos, como elas iniciaram esse debate dentro da rede municipal de saúde e, de acordo com as experiências vivenciadas por elas, foram apontados três tópicos de fundamental importância para o projeto e que impactavam diretamente a forma como seriam transmitidas e recebidas as informações compartilhadas tanto pelos profissionais, quanto pelo público-alvo: a importância da utilização de uma linguagem acessível aos adolescentes, as condições socioeconômicas e os direitos presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Para a realização da atividade, foram utilizados os seguintes materiais: uma caixa contendo próteses penianas de borracha, prótese vaginal de tecido e modelo plástico anatômico da pessoa com vulva para visualização dos órgãos sexuais, preservativos internos e externos, contraceptivos de uso oral e intramuscular, lubrificante, instrumentos para realização do exame Papanicolau (espéculo vaginal e escova cervical), uma caixa com blocos de papel para serem depositadas as perguntas, de forma anônima, pelos adolescentes. O foco da ação era mostrar apenas o que estava disponível (Figura

1) no Sistema Único de Saúde para acesso dos adolescentes.

Figura 1. Materiais utilizados para a ação educativa



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O passo seguinte foi a articulação com a equipe pedagógica da escola. Nesse encontro, detalhou-se a importância do programa e a proposta de trabalho com as turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II. Obteve-se o apoio da gestão escolar e foi definido realizar a roda de conversa no primeiro semestre de 2022, com uma turma por vez, sendo feitas duas turmas por semana, totalizando quatro turmas com um total de 63 adolescentes.

No dia anterior à realização da dinâmica, foi colocada uma caixa para a realização das perguntas anônimas pelos adolescentes. Sendo assim, ao chegar na instituição de ensino a equipe responsável pela dinâmica buscava a caixa, lia as perguntas e separava-as em tópicos, por exemplo: métodos contraceptivos, autoestima, masturbação, entre outros. Dessa maneira, era possível responder mais de uma pergunta de uma única vez e norteava para equipe os assuntos que os adolescentes mais queriam que fossem abordados.

Desta forma, quando a turma chegava, todos se apresentavam, deixando explícito o objetivo da atividade e firmando um contrato de convivência por meio oral, para manter uma organização e

estabelecer uma relação de confiança com os adolescentes, vale salientar que a equipe pedagógica não participa desse momento, a fim de promover uma relação de confiança e segurança entre os profissionais e o público-alvo.

No início da interação, era comum um olhar de desconfiança, comportamentos de intimidação, e risos, contudo, no decorrer da conversa eram estabelecidos vínculos, principalmente por meio da linguagem utilizada, demonstrando que a equipe estava ali para ajudá-los sem julgamentos, por sua vez esse comportamento passava e os olhares ficavam concentrados nas respostas. Enquanto as perguntas eram respondidas, mostravam-se os objetos da caixa e os deixavam manipular. Vale ressaltar que a idade dos adolescentes variava de 12 a 17 anos.

As duas primeiras turmas demonstraram uma timidez maior em relação às duas últimas, acredita-se que as turmas foram se comunicando durante o processo, afirmando que a nossa atividade era segura e de confiança. É possível observar isso no cunho das perguntas colocadas na caixa, as turmas iniciais tinham perguntas mais amplas e com brincadeiras, já as últimas turmas faziam perguntas mais específicas e com tom de pessoalidade. Um ponto a ser destacado é a participação do público masculino na roda de conversa, a maioria demonstrava interesse, faziam perguntas e o ponto mais trabalhado com eles foi a questão de masturbação e autoestima. Por sua vez, o público feminino era quem tomava iniciativa nas atividades propostas, demonstrando um maior empoderamento e confiança, nesse público os temas mais questionados foram métodos contraceptivos e prazer durante as relações.

A experiência possibilitou o compartilhamento de informações acerca do tema sexualidade, o que foi algo extremamente positivo, uma vez que uma das principais queixas feitas durante as rodas com os adolescentes é a falta de espaços protegidos de diálogo e para tirar dúvidas.

A sexualidade é um tema amplo, e possui muitas vertentes a serem consideradas, apesar de alguns momentos utilizarmos o termo “caixa do sexo” para nos relacionarmos à caixa com os materiais utilizados na ação, estar frente a frente com os adolescentes nos fez refletir sobre a forma que abordamos sobre sexo e sexualidade, e que é impossível querer enquadrá-los em uma caixa¹¹.

Nesse ínterim, apesar de todo preparo da equipe, houve momentos em que não se tinha conhecimento para continuar atendendo os questionamentos, a equipe responsável acredita que falta buscar mais representatividade e diversidade dos membros que compõem essa ação educativa.

Dessa forma, observa-se a importância de levar em consideração o entendimento e as requisições do público-alvo no momento da construção do planejamento das ações de educação em saúde, contribuindo para que a efetividade da ação seja plenamente alcançada, uma vez que os

profissionais estarão cientes e preparados para as indagações, e os participantes terão suas dúvidas sanadas satisfatoriamente.

Por fim, outro ponto a ser refletido foi a não utilização dos termos técnicos na abordagem com os adolescentes. Quando se utilizava o vocabulário presente no cotidiano deles, foi possível perceber um maior acolhimento à equipe presente, e uma maior identificação dos adolescentes com as informações dadas, uma vez que eles se reconheciam em algumas situações descritas.

Contudo, apesar da maior identificação em relação à linguagem, a falta de materiais que ilustrasse os diferentes formatos e cores dos órgãos genitais, resultou em uma crítica construtiva acerca das ferramentas utilizadas para a visualização deles. Assim, uma vez que o tópico autoestima também foi muito abordado, reforçar a existência de aspectos diferentes e únicos, é uma forma de empoderar e aumentar a aceitação dos atributos próprios a cada indivíduo, quebrando as ideias de propriedades e proporções ideais muito pregada pela sociedade, e que são reafirmadas através das redes sociais.

Em resumo, a reflexão acerca da temática de educação sexual com adolescentes e sua abordagem a partir da vivência de uma extensão universitária é fundamental, sobretudo no que tange a instrumentalização desses adolescentes para identificação de situações de risco¹². A escola exerce um papel crucial no desenvolvimento do adolescente, e dessa forma deve fornecer subsídios para que o aluno tenha o direito à informação. Para isso, o diálogo configura uma ferramenta básica na educação para a sexualidade, e deve compor a formação de um ambiente encorajador que proporcione o debate de questões importantes.

Portanto, o Programa Saúde na Escola possibilitou a articulação interinstitucional, somando as potências da Unidade de Saúde da Família, Universidade Pública e da Educação de Ensino Fundamental Municipal. Com isso, foi proporcionado a vivência extensionista com a sociedade, a qual corrobora para a aprendizagem acadêmica. E, além disso, possibilitou o reconhecimento do vínculo entre os profissionais da saúde e da educação na realização das atividades educativas, promovendo a educação em saúde de forma integrada, favorecendo a identificação e prevenção dos riscos¹³.

Considerações finais

Diante dessa experiência extensionista na escola, consoante com o proposto pelo PSE, foi possível observar que durante os encontros os adolescentes se mostravam interessados em ouvir e participar das discussões, de forma que se propiciou um cenário favorável para a fluidez das conversas, tornando o ambiente confortável para que eles pudessem se expressar, sem medo ou vergonha, fazendo com que se sentissem parte ativa do compartilhamento de saberes, agregando suas vivências e opiniões.

Nesse cenário, a experiência extensionista universitária configura-se como uma das funções sociais da universidade que contribui para o processo de formação acadêmica, uma vez que permite o compartilhamento do conhecimento aprendido e desenvolvido pelo aluno junto à comunidade, de maneira a exercitar o pensamento crítico no que se refere à responsabilidade social, com o fomento de ações exequíveis que intervenham em necessidades da comunidade na qual está inserida, transformando a realidade local. Dessa forma, por meio das atividades realizadas na extensão, foi possível criar e aprimorar habilidades pessoais e profissionais, como a comunicação, por exemplo, sobretudo pelo contato com vivências e pessoas distintas, promovendo, dessa maneira, autonomia do aluno na tomada de decisões. Assim, experencia-se sentimentos de realização e satisfação ao mensurar a potência do impacto prático daquilo que se estuda, somado ao autorreconhecimento como um cidadão participativo e crítico¹⁴.

O fato da escola representar um ambiente que faz parte do cotidiano dos adolescentes, onde realizam a maior parte das suas tarefas diárias e estabelecem relações interpessoais, contribuiu para que se sentissem seguros para expressar suas dúvidas e sentimentos. Somado a isso, a linguagem utilizada para a comunicação com os adolescentes foi primordial para facilitar o entendimento e estabelecer uma relação de confiança tanto com os acadêmicos quanto com a Assistente Social. Assim, nota-se que as metodologias participativas e de linguagem acessível conferem uma melhor compreensão e autonomia dos adolescentes sobre questões relativas à sexualidade.

Logo, é imprescindível destacar que as atividades desenvolvidas por meio dessa metodologia ativa proporcionaram aos acadêmicos uma ampliação e uma adaptação do conhecimento sobre o tema, além da possibilidade de analisar e refletir sobre o contexto no qual os adolescentes estão inseridos. Nesse sentido, configurou-se como uma oportunidade fundamental de reflexão e discussão que possibilitou ampliar o campo de conhecimento dos adolescentes sobre as temáticas abordadas. Ademais, a associação com a Unidade Básica de Saúde possibilitou aos acadêmicos a experiência de atuar quanto à APS, compreendendo as funções, metodologia e importância no território.

Referências

1. Brasil. Ministério da Saúde. Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2017. [acesso em 2022 ago 26]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica
2. Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP, Junior WA, Oliveira JR. Aspectos da sexualidade na adolescência. Cienc Saude Colet. 2011;16(7). [acesso em 2022 ago. 26]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/frXq7n3jXMmhzSmJqRWPwnL/?lang=pt> . DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800021>

3. Marola CAG, Sanches CSM, Cardoso LM. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicol Educ.* 2011;33:95-118. [acesso em 2022 ago. 26]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006
4. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. [acesso em: 2022 ago 29].
5. Figueiredo MC, Nogueira FJS, Rocha DCS. *Rev APS.* 2022;25(1):164-73. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/35531/24828>
6. Brasil. Ministério da Educação. Programa Saúde nas Escolas. Brasília, DF: Ministério da Educação; 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas>. [acesso em: 2022 set 03].
7. Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. Plano Nacional de Extensão Universitária. Manaus: Editus; 2012. [acesso em 2022 ago. 26]. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>
8. Silva, AR. A integralidade do cuidado na perspectiva da saúde da criança: o relato da prática de estágio na alta complexidade em saúde [dissertação]. [Porto Alegre]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2017. 58p.
9. Costa P, Palombo CNT, Silva LS, Silva MT, Mateus LVJ, Buchhorn SMM. Ações de extensão universitária para translação do conhecimento sobre desenvolvimento infantil em creches: relato de experiência. *Rev Esc Enferm USP* [online]. 2019;53:e03484. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342019000100700&lng=pt&nrm=iso
10. Vieira PM, Matsukura TS. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Rev Bras Educ* [Internet]. 2017;22(69):453-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226923>
11. Miranda JC, Campos IC. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. *Bol Conjuntura.* 2022;12(34)108-26. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732/513>. Acesso em: 26 de julho de 2023.
12. Rios MO, Santana CC, Pereira SCA, Brito AOS, Souza LV, Leal LR. O programa saúde na escola como ferramenta para a construção da educação sexual na adolescência: um relato de experiência. *Arq Cienc Saude Unipar.* 2023;27(5)2354-69. Disponível em: 10.25110/arqsaude.v27i5.2023-015.
13. Fadel CB, Bordin D, Kuhn E, Martins LD. O impacto da extensão universitária sobre a formação acadêmica em Odontologia. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2013;17(47):937-46. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.3811>

Como citar: Nogueira RS, dos Santos ABA, da Silva I, Rodrigues JL, Lima DB, Lazarini WS. Roda de conversa sobre saúde sexual e reprodutiva com adolescentes: um relato sobre dispositivos de cuidado em perspectiva dialógica. *Rev Saude Redes.* 2023;9(3):4184. doi: 10.18310/2446-4813.2023v9n3.4184

Submissão: 26/04/2023

Aceite: 08/08/2023